

A iconicidade, a leitura e o projeto do texto

(Iconicity, reading comprehension and textual project)

Darcília SIMÕES
Vânia Lucia R. DUTRA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ABSTRACT: This is a semiotic and linguistic study of the iconical relationship between theme and textual project, taking into account – beyond the lexical selection – the linguistic organization on the textual space. The following topics are addressed: a) the necessary mental frames activated for the reading and the comprehension of the mental images arising from the text during the reading process; b) the plasticity and its relevance for the production of images and the experience understanding; c) the strategies of journalistic textual production with literary traits and d) the indispensable reader's orientation towards the discovery of the textual plan(s).

RESUMO: Este é um estudo semiótico-lingüístico das relações icônicas entre o tema e o projeto do texto, levando em conta, além das escolhas lexicais, a diagramação do material lingüístico na superfície textual. O trabalho oferece considerações acerca: a) dos espaços

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

mentais ativados pelos esquemas de leitura necessários à interpretação das imagens mentais geradas durante a leitura; b) da plasticidade e sua relevância na formação das imagens e na tradução das experiências; c) das estratégias da produção do texto jornalístico com características literárias e d) da indispensável orientação do leitor para a descoberta do(s) plano(s) do(s) texto.

KEY-WORDS: *iconicity, textual project, reading and writing.*

PALAVRAS-CHAVE: *iconicidade, projeto do texto, leitura e redação.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva divulgar nossa proposta de interpretação de textos subsidiada pela teoria da iconicidade (Sebeok, 1979) associada à teoria dos espaços mentais (Chiavegatto, 1999) e destinada ao aperfeiçoamento dos processos de leitura e produção textual.

Reconhecendo que a leitura de textos procede de uma negociação entre imagens mentais construídas por um enunciador e reconstruídas por um co-enunciador (leitor ou intérprete), que tais imagens são traduzidas em signos verbais e não-verbais combinados na folha de papel (no caso do texto escrito) e que tanto a enunciação quanto a co-enunciação refletem mundos particulares mediados (no caso) pelo código verbal, entendemos que a plasticidade textual é referência de iconicidade e pode funcionar como base para a condução do intérprete à mensagem básica inscrita no texto.

Quando se trata de texto referencial, espera-se que a iconicidade se assente sobre a capacidade do enunciador relacionada ao domínio do código. Isto porque, dessa competência resulta a produção de um objeto-texto de alta legibilidade, embora não deixe de estar impregnado da subjetividade do enunciador. Os elementos subjetivos serão tanto mais neutralizados quanto maior for a habilidade do redator na utilização dos recursos do código lingüístico, sem nos esquecermos de que também a diagramação é material significativo e compõe a plasticidade na superfície textual. No entanto, quanto se trata do texto literário, além do domínio do código, requer-se do leitor um domínio enciclopédico e vivencial que lhe sirva de moldura para a realização da semiose (geração de significações). Entendemos assim a iconicidade e, por conseguinte, a plasticidade, como suporte para a construção do sentido textual, em nível de absorção do texto pelos canais sensoriais, numa primeira instância.

SOBRE ICONICIDADE E PLASTICIDADE

Fica claro que nossa abordagem considera o texto um objeto visual e, por isso, a iconicidade, fundada na plasticidade, ganha relevância.

Segundo Simões (1994), *plasticidade* é a propriedade da matéria de adquirir formas sensíveis por efeito de uma força exterior, a partir do que a imagem pode ser gravada na mente do observador mesmo em ausência. E mais: a plasticidade torna possível modelizarem-se seres imaginários — os que não têm referente material, objetivo — por meio de imagens.

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

No caso da produção verbal escrita, o código lingüístico é uma das forças exteriores que constrói a plasticidade textual. Esta, por sua vez, pode conter elementos de natureza diferente, uma vez que, por extensão e consequência, o material sonoro de que se reveste o texto também pode gerar uma outra espécie de iconicidade: a acústica. Ousamos estender a iconicidade para o plano dos sons (até para recuperar a noção saussuriana da imagem acústica dos signos). Apoiamo-nos em Morris (1946, p.243) que incluiu os fenômenos intersensoriais, como a sinestesia, entre sons e visuais impressões. Por sua vez, a imagem mental apontada por Saussure (1974) é associável à que se refere Calvino ao falar da tela mental em que se projetam as imagens decorrentes das sensações/impressões produzidas pelo texto sobre o leitor, durante o processo da leitura.

Observe-se o excerto:

Segundo Calvino, ‘ao lermos um texto escrito sobre uma página, somos levados a visualizar aspectos, detalhes que assomam das palavras e configuram nosso cinema mental’, fruto da nossa imaginação, que nunca cessa de ‘projetar imagens em nossa tela interior’. Por outro lado, também enfatiza o processo inverso, em que ‘os olhos da imaginação’ vêem o que a palavra ainda não expressou: desde visões e vislumbres de santos e filósofos até imagens vista mentalmente por pintores e cineastas posteriormente configuradas nas telas (Apud Martins, 1991, p.95-96).

Nesse fragmento, verifica-se a menção indireta à subjetividade por intermédio do trabalho da imaginação. Esta opera estimulada pelo elemento objetivo (no caso, a imagem-texto), mas substanciada pelos elementos subjetivos relacionados ao sujeito-leitor. Esta subjetividade será tanto mais regulada (ou controlada) quanto mais bem

tramada esteja a superfície textual. Em outras palavras: a astúcia e a perícia do enunciador na representação verbo-visual de suas idéias funcionarão (ou não) como elementos diretores das estratégias de leitura. Quando a malha sígnica é construída decididamente com a meta de conduzir o leitor a um sentido xis, o produtor do texto terá o cuidado de selecionar as palavras com apuro e combiná-las sintaticamente, protegendo o leitor das ambigüidades, dos equívocos, das plurissignificações. O contrário disto se nota quando o texto é produzido com a intenção de despistar o leitor ou mesmo de desorientá-lo em relação a determinada idéia, determinada informação, determinado conteúdo.

A iconicidade pode ser, portanto, utilizada tanto como signo orientador quanto como signo desorientador, dependendo das intenções do produtor do texto. Na condição de orientador, será a iconicidade responsável por uma clareza imagética direcionada à univocidade do texto. Ao contrário, quando se propõe desorientar, a iconicidade conduzirá ao equívoco (no mínimo, à ambigüidade), fazendo com que o leitor ora pense haver descoberto um sentido para o objeto-texto, ora entre em conflito ante a possibilidade de mais de uma interpretação para o texto, ou parte dele, construindo-se assim uma imagem embaçada do possível sentido.

A iconicidade, no processo da leitura e da redação, a nosso ver, pode manifestar-se de dupla forma: a) como *alta iconicidade* – qualidade por meio da qual o texto orienta o leitor à produção de sentido em função da apresentação estratégica de pistas de leitura; b) como *baixa iconicidade* – qualidade por meio da qual o texto se torna opaco, porque não oferece pistas suficientes ou eficientes para o desenrolar da leitura. Convém esclarecer que a alta iconicidade tanto se presta à construção da eficácia quanto

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

à da falácia textual. Nesta o leitor é driblado pelas pistas do texto; naquela, o leitor é conduzido por elas.

IMAGEM DO TEXTO E ESPAÇOS MENTAIS

Concebemos com Chiavegatto (1999, p.312) *espaços mentais* como construções mentais ligadas (ou decorrentes dos) aos processos de inferenciação que emergem na mente a partir de formas lingüísticas denominadas *introdutores* ou *construtores espaciais*. Estas são pequenas formas lingüísticas que, uma vez inseridas em algum ponto do discurso, estimulam *espaços mentais* ou *novos contextos* de referenciação que, a seu turno, dão suporte à construção da significância no texto. Os introdutores são, portanto, integrantes da iconicidade que realizam a coesão textual (mecanismo de articulação das idéias na superfície do texto) e “localizam” enunciador e co-enunciador em relação com as informações negociadas, favorecendo a produção da coerência semântico-pragmática do texto (relação entre o conteúdo enunciado e as condições de produção textual), ou seja, a produção de sentido.

Assim sendo, os introdutores espaciais seriam os elementos responsáveis pela ativação dos esquemas de referenciação, a partir dos quais o texto se inclui numa moldura cognitiva capaz de orientar a interpretação dos signos textuais e a conseqüente construção de sentido. Admitindo o pressuposto de que a referenciação constitui uma atividade discursiva (Koch, 2002, p.79), concluímos que a ativação de esquemas é uma atividade semiótica que será tanto mais eficiente quanto mais bem traçado seja o guia-mapa textual. Isto porque a iconicidade em sua dimensão plástica (visual, sensível) pode conduzir o leitor

pelas trilhas do texto, demonstrando para o leitor que o objeto em leitura (o texto) é resultado de um processo articulado de operações léxico-semântico-sintáticas que acabam por refletir certa forma de ver e representar o mundo.

Vejamos o que diz Chiavegatto (2002, p.171):

Ao efetivarmos uma interpretação, representamos uma entre as possibilidades interpretantes da forma. As múltiplas interpretações, que podem ser geradas a partir da mesma construção, são as mais nítidas evidências de que os significados não são coisas ou patrimônio das formas, mas construções efetivadas na mente dos sujeitos, a partir de pistas que a organização das formas lhes fornecem.

Logo, a organização das formas de que fala Chiavegatto é nada menos que a iconicidade textual, ou seja, a qualidade de produzir uma imagem na mente do leitor, a partir da qual a semiose textual (produção da significação e do sentido) seja efetivada.

O PROJETO DO TEXTO

Observados os conceitos operacionais de iconicidade (visual e sonora), plasticidade imagética, espaços mentais, coesão e coerência, cumpre então tratar do *projeto de texto*. Situamos este artigo na subárea da Semiótica do Discurso Jornalístico e, por isso, o projeto de texto ganha relevo especial, uma vez que tal modalidade textual destina-se, em princípio, à informação do leitor. Assim sendo, tem-se como idéia inicial a imagem de um texto de *alta iconicidade*, construído à maneira de um *guia-mapa* (Simões, 1999) que permita ao leitor percorrer

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

a superfície textual sem maiores sacrifícios até atingir a meta de desvelamento e produção do sentido.

Repetir-se, algumas vezes é necessário:

Do ponto de vista da semiótica da recepção (intentiono lectoris) (Eco, 1995), tem-se que o ato de leitura implica a construção (ou desconstrução) do texto. No entanto, afastando-nos de qualquer pretensa ingenuidade, verifica-se que um texto funciona, em última análise, como um **guia-mapa** da interpretação esperada para o mesmo. Portanto, os limites da interpretação já estariam balizados no esquema estruturador do texto.

Além disso, dependendo dos sinais utilizados, a participação do leitor já estaria previamente controlada. (Simões, 1999, p.51) [grifamos]

Nesta ótica, concebe-se o projeto de texto como sendo a organização de um esqueleto textual que sustentará toda a composição signica verbal e não-verbal que materializará a informação por meio da representação lingüística das noções a serem veiculadas. Fala-se em composição verbal e não-verbal pelo fato de um texto jornalístico ser constituído também de formato específico, uma vez que está condicionado a um espaço físico especial e específico que lhe sediará no suporte (jornal). Assim sendo, desde a definição da chamada até a seleção do olho (ou janela) do texto, há toda uma predeterminação de espaços e formas que deverão constituir a materialidade do texto e funcionar como pistas de leitura.

Observe-se o excerto a seguir:

O leitor está inserido num contexto que lhe oferece elementos elucidativos ou mesmo complicadores para a sua leitura, pois o homem interage com o mundo, reforma-o e renova-se a cada instante vivido. Logo: seu

repertório de decifração – que é então individual e coletivo a um só tempo – o referencial imediato para suas leituras, somar-se-á com o de seus pares, compondo, assim, o interpretante coletivo (...) – ou senso comum (...)

Além disso, cumpre observar que o leitor deverá utilizar as pistas que o próprio discurso oferece mais a sua experiência pessoal para, através de uma cognição complexa, efetuar o desvelamento do significado. (Simões, 1995, p.11)¹

Segundo o trecho transcrito, o próprio leitor já traz consigo um inventário de dados que podem ajudá-lo ou atrapalhá-lo no processo de leitura, pois, a produção de sentido nasce de um diálogo de experiências vivenciais mediadas pelo texto. Conhecedor desses fatos, o produtor do texto jornalístico deverá imbuir-se do compromisso de projetar um texto linear, com o máximo de transparência, em que as dificuldades reduzam-se ao desconhecimento vocabular que, em última instância, seria reflexo da falta de cultura geral, já que nosso mundo é do tamanho de nosso repertório².

¹ No excerto, Simões refere-se a *discurso* como sinônimo de *texto*, uma vez que o artigo é recorte de uma pesquisa sobre leitura do texto não-verbal como deflagrador da produção verbal escrita. Nos textos atuais, a autora já demarca espaços diferenciados para tais termos.

² A língua divide o mundo e faz da infinita multiplicidade da realidade um calhamaço abarcável e divisível. A língua ordena e articula a infinitude do concreto, mas também a realidade espiritual. Nós vemos o mundo através deste calhamaço formado pela linguagem. (Baldinger, 1977, p.105) Apud Simões, Darcilia. 2002. “De quando a escolha das palavras é novo no labirinto do texto.” In VI Seminário de Língua Portuguesa: Leitura e Leitores. SME/RJ-DGE-DEF- Projeto Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras. [24-36]

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

No projeto que fizemos para este artigo, fizemos mais um recorte que é a escolha do texto jornalístico produzido com rigor literário, artístico. A partir dessa segunda escolha, o projeto de texto se complica. Isto porque o texto literário se afasta da pretensão de máxima transparência, apesar de assentar-se na qualidade de alta iconicidade. Logo, o projeto do texto literário jornalístico não é simples. Veja-se que se tem de combinar relativa transparência com alta iconicidade, o que parece um paradoxo. No entanto, é tarefa agradável por ser desafiadora. O texto a ser produzido deverá apresentar uma estruturação que mantenha sob controle a atenção do leitor (co-enunciador), conduza-o até uma informação imediata (por isto elegemos a crônica como corpus) e potencialize uma leitura polissêmica que lhe garanta a qualificação do texto como literário. A polissemia é requisito da atemporalidade e da universalidade que devem permear o texto literário.

Sem que se queira reativar esquemas assemelhados aos programas narrativos, por exemplo, o que entendemos como projeto de texto é a formulação de um roteiro que consiga dar conta do fechamento de um processo de leitura. Em outras palavras: o projeto de texto deve resultar numa estruturação sígnica (objeto-texto) capaz de conduzir o leitor à produção de um sentido para o lido.

Nesta perspectiva, entendemos que a visibilidade (ou captabilidade) do projeto do texto é também uma evidência não só da competência redacional, mas também da garantia de veiculação da informação.

Ainda que o objeto de nossa demonstração seja um texto jornalístico estruturado como literatura em sentido restrito, trata-se de um tipo textual que demanda maior transparência que os demais tipos literários, uma vez que a crônica tem vínculos temporais e espaciais que já forne-

cem elementos materiais a serem utilizados na superfície do texto de forma icônica. Passemos à demonstração.

O TEXTO-CORPUS

As razões do clube

Parece mentira, né? Lula presidente. Para quem, como eu, votou nele desde a primeira tentativa, é um pouco como dar adeus a um velho hábito. Já estávamos acostumados à decepção, a perder de quatro em quatro anos só para concluir de novo que o Brasil não tinha jeito mesmo, que alguém como ele jamais seria eleito, que a maioria oprimida jamais teria vez, porque as elites, porque o capital internacional, porque os americanos... E não é que o homem me ganha? Mas o ceticismo entranhado custa a morrer. Depois dos festejos vem a desconfiança. O que deu errado desta vez? **Ou, mais intrigante: o que deu certo?** [grifos nossos]

A primeira tentação é a de invocar o filósofo Marx, Groucho Marx, e alertar o Lula sobre o risco de entrar num clube que aceita sócios como ele assim tão facilmente. O segundo pensamento é mais especulativo, e otimista: e se o clube mudou? E se o Lula ganhou o apoio de gente que antes assustava não apenas porque a barba preta ficou grisalha e o discurso abrandou, mas porque há um sentimento generalizado de que algo está desmoronando, algo está chegando ao fim, e que é preciso colocar outra coisa pelo menos organizada no seu lugar, antes que a pura raiva antitudo tome conta? O anti-Lula desta vez não se criou porque o sistema desanimou cedo. **O Serra foi um produto do desânimo do sistema.** [grifos nossos]

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

Fala-se muito que o governo Lula terá pouco espaço de manobra para fazer o que pretende, com os compromissos que herdará. Mas o sistema internacional também está em crise, também há luta dentro do clube deles sobre o que é conveniente e o que é negociável para que o sistema sobreviva à sua própria irracionalidade, e talvez também haja interesse em facilitar a vida do novo sócio. **Que, afinal, já declarou que não vai limpar os sapatos com o guardanapo, só quer mais consideração e justiça.**
[grifos nossos]

(Luís Fernando Veríssimo – terça-feira,
29/10/2002 – O GLOBO – Opinião)

AMOSTRA DE ANÁLISE

Observando-se a estrutura dos parágrafos do texto, verifica-se que seu projeto é absolutamente icônico em relação aos esquemas de raciocínio mais elementares:

1. apresenta-se com três movimentos: começo, meio e fim
2. cada parágrafo se constrói a partir de um tópico diluído que se conclui com predicação explícita para o tema do tópico no último período.
3. os substantivos que iniciam e concluem o texto são ícones-símbolos da imagem que os eleitores de Lula têm de seu governo:
 - Parece **mentira**, né? Lula **presidente** (§ 1º, linha 1)
 - os **sapatos** com o **guardanapo**, só quer mais **consideração** e **justiça**. (§ 3º, linhas 5-6)

DARCILIA SIMÕES & VÂNIA DUTRA

LEITURA DOS SIGNOS DESTACADOS

Quadro n° 1

Ícone de um estado dissimulado(r)	←mentira→		Ícone de necessidade de mudança
Símbolo do Poder	←presidente→		Símbolo do Poder
Índice de base, sustentação	sapatos ←	consideração →	Ícone de reconhecimento de direitos
Índice de limpeza, conforto	guardanapo ←	justiça →	Símbolo da democracia

Esta leitura em dupla direção já denuncia alguma astúcia inscrita no texto, pois cada uma destas interpretações vai apontar para um enunciando e um leitor específicos; cada um deles representará uma camada social ou uma parte da população nacional, distribuída segundo suas opções e condições políticas e sociais.

LEITURA DO PROJETO DO TEXTO

Quadro n° 2

	CLUBE	ENUNCIADOR	ESQUEMAS DE RACIOCÍNIO	PALAVRAS-CHAVE
Tema 1	razões			razões
	<p>Este vazio seria um ícone da irracionalidade do poder constituído, em relação com os reais anseios populares representados no último período do último parágrafo do texto.</p> <p>Observe-se que reiteração de último não é casual; representa uma opção diagramática do autor do texto. Ele reservou o último período do último parágrafo para apresentar os ideais do novo governo, demonstrando plasticamente a vitória nas urnas no segundo turno das eleições.</p>	votou nele desde a primeira tentativa	<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">EXPLICATIVA/JUSTIFICATIVA</p>	tentativa
		estávamos acostumados à decepção		decepção
		o Brasil não tinha jeito mesmo		jeito
		alguém como ele jamais seria eleito		alguém
		a maioria oprimida jamais teria vez		jamais
		porque as elites, porque o capital internacional, porque os americanos...		elites
		o sistema desanimou cedo		sistema
		o sistema internacional também está em crise		crise internacional

		há luta dentro do clube		luta
Tema 2	mentira → intrigante			mentira
				intrigante
1.	Lula presidente		CONSTATAÇÃO	presidente
2.	dar adeus a um velho hábito		IRONIA	hábito
3.	alguém como ele jamais seria eleito		HIPÓTESE	ele
4.	O que deu errado desta vez?	o que deu certo?	INDAGAÇÃO	errado
				certo
5.	o que é conveniente e o que é negociável (?) interrogação indireta = indicial	talvez também haja interesse em facilitar a vida do novo sócio dúvida explícita = icônica	PONDERAÇÃO	conveniente
				negociável
				talvez
6.	E não é que o homem me ganha?	E não é que o homem me ganha? Me = marcação da informalidade do texto; marca de oralidade;	CONSTATAÇÃO	homem
				me

	<p>Me = marcação do discurso indireto livre</p> <p>Me = ícone da voz do clube representado pelo Serra</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construção padrão 	<p>do texto; marca da oralidade;</p> <p>Me = índice do espanto do enunciador</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construção popular 		ganha
7.	<p>A primeira tentação é a de invocar o filósofo Marx (...) e alertar o Lula sobre o risco de entrar num clube que aceita sócios como ele assim tão facilmente.</p> <p>Índices das reflexões:</p> <p>O presidente atual é um intelectual e Marx é ícone da revolta do proletariado.</p> <p>A elite sente-se ameaçada pelo proletariado.</p> <p>invocar = símbolo do risco</p>	<p>A primeira tentação é a de invocar o filósofo Marx, Groucho Marx, e alertar o Lula sobre o risco de entrar num clube que aceita sócios como ele assim tão facilmente.</p> <p>Ícones das reflexões irônicas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Groucho Marx é um comediante norte-americano famoso 2. A intelectualidade das elites é cômica. 3. risco = símbolo da tentação 	CONTRASTE	<p>Tentação</p> <p>invocar</p> <p>risco</p> <p>Marx</p> <p>Groucho Marx</p> <p>filósofo</p> <p>sócios</p> <p>facilmente</p>

8.	gente que antes (ele) assustava • Construção padrão	gente que antes (se) assustava (com ele) • Construção popular	CONSTATAÇÃO	gente
				assustava
9.		algo está desmoronando, algo está chegando ao fim, é preciso colocar outra coisa pelo menos organizada no seu lugar, antes que a pura raiva antitudo tome conta?	EXPLICAÇÃO /JUSTIFICATIVA	antitudo → anagrama de antídoto → anti-Lula
10.	talvez também haja interesse em facilitar a vida do novo sócio	Que, afinal, já declarou que não vai limpar os sapatos com o guardanapo, só quer mais consideração e justiça.	CONCLUSÃO	talvez
11.	dúvida explícita = índice de uma manobra para que o sistema sobreviva à sua própria irracionalidade			facilitar
				irracionalidade
		consideração o justiça		

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

A indicação nas colunas de enunciado que pode ser lido de mais de uma maneira, materializa o que entendemos como *isotopia*, ou propriedade de um enunciado ser substituído por equivalente no plano do conteúdo, embora sejam diferentes no plano da expressão. No quadro nº 2, no tema 2, a partir da linha 4, verifica-se a possibilidade de interpretação complexa dos enunciados. Há casos em que o mesmo enunciado aceita duas interpretações: trata-se da polissemia decorrente do foco de leitura. Há casos em que o enunciado é diferente, mas a interpretação é correspondente. Nestes se materializa a isotopia. Caso em que a posição discursiva é inscrita no enunciado a partir das opções formais: seleção lexical, modelo gramatical, etc.

Quando as isotopias se anunciam na superfície textual, verifica-se a alta iconicidade, uma vez que os introdutores utilizados vão acionar esquemas mentais que, por sua vez, vão conduzir a leitura numa dada direção (veja-se que *sentido* é direção). Em se tratando de texto literário, portanto, por princípio plurívoco, a alta iconicidade (em princípio, correspondente a transparência) pode ser nada menos que uma astúcia enunciativo-lingüística para estimular a leitura e enredar o leitor nas tramas do texto.

As razões do clube

Parece **mentira**, né? Lula presidente. Para quem, como eu, votou nele desde a primeira tentativa, é um pouco como dar adeus a um velho hábito. Já estávamos acostumados à **decepção**, a perder de quatro em quatro anos só para concluir de novo que o Brasil não tinha jeito mesmo, que alguém como ele jamais seria eleito, que a **maioria oprimida** jamais teria vez, porque as **elites**, porque o **capital internacional**, porque os america-

DARCÍLIA SIMÕES E VÂNIA DUTRA

nos... E não é que o homem me ganha? Mas o **ceticismo** entranhado custa a morrer. Depois dos festejos vem a **desconfiança**. O que deu errado desta vez? Ou, mais **intrigante**: o que deu certo? [grifos nossos]

Observe-se que os elementos grifados neste parágrafo do texto conduzem o leitor para uma interpretação problemática: a supremacia da idéia negativa de dúvida – mentira, decepção, ceticismo, desconfiança – acrescida da presença do elemento nuclear do conflito – maioria oprimida, elites, capital internacional – apresenta ao leitor um texto com entrada em “mão dupla”: de um lado vem a fala do eleitor desejoso de mudança; do outro lado (e subjacente), a fala da manutenção do poder cristalizado pela força do capital. Qual seria então a voz que se manifesta neste texto? Quais os espaços mentais estariam sendo prestigiados pelo enunciador: o da mudança ou o do conservadorismo?

A primeira **tentação** é a de **invocar** o filósofo Marx, Groucho Marx, e **alertar** o Lula sobre o **risco** de entrar num clube que aceita sócios como ele assim tão facilmente. O segundo pensamento é mais **especulativo**, e **otimista**: e se o clube mudou? E se o Lula ganhou o apoio de gente que antes **assustava** não apenas porque a **barba preta** ficou grisalha e o discurso abrandou, mas porque há um sentimento generalizado de que algo está **desmoronando**, algo está **chegando ao fim**, e que é preciso colocar outra coisa pelo menos organizada no seu lugar, antes que a pura **raiva antitudo** tome conta? O anti-Lula desta vez não se criou porque o **sistema** desanimou cedo. O Serra foi um produto do **desânimo** do sistema. [grifos nossos]

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

Neste parágrafo, a prevalência é de termos e expressões negativas também, contudo, num outro plano. Desta vez se verifica um apelo ao mito, ao mistério, às crenças e credices. Mesmo assim, as duas vozes antagônicas se mantêm ativas: os nomes sublinhados – Marx e Groucho Marx – funcionam como ícones da ambivalência do texto. Como associar um filósofo do proletariado a um comediante das elites? A partir desta oposição, os elementos grifados podem ser lidos assim:

Palavras-chave	Espaços mentais ativados	Valores
Tentação, risco, raiva antitudo	Mito + medo + mistério	Negativos
Invocar, barba preta	crenças e credices	Negativos
Alertar, assustava	mistério	Negativos
especulativo	Curiosidade + dúvida	Negativos /Positivos
otimista	Esperança + Vitória	Positivos
Desmoronando, chegando ao fim	Destruição	Negativos
Sistema, desânimo	Derrota	Negativos /Positivos

Na leitura dos valores que emergem dos espaços mentais ativados, verificam-se as molduras de interpretação construídas para o leitor: os elementos negativos vão sendo, paulatinamente, suplantados ou substituídos por dados positivos. Quanto à iconicidade do projeto do texto, verifica-se o mesmo ritmo no total do texto: inicia-se com

a dúvida (negativo) e termina com os ideais democráticos (positivo). Logo, o conjunto de unidades léxicas (vocábulos ou expressões) que figuram na coluna da esquerda foi estrategicamente colocado no parágrafo, desenhando assim um itinerário de leitura em consonância com o tema básico do texto: eleições que indicam vitória dos ideais democráticos: *só quer mais consideração e justiça*.

Considerando ainda a organização psicosemiótica dos esquemas de leitura convencionados no mundo ocidental, verifica-se que o movimento ocular sobre a mancha gráfica se dá de cima para baixo e da esquerda para a direita. Em função disso, o texto jornalístico procura não se perder desse esquema, para também no nível subliminar garantir a fixação da atenção do leitor e, de alguma forma, auxiliar-lhe a leitura e a trajetória sobre a superfície sensível. Se for traçada uma linha reta em diagonal iniciada na expressão **Parece mentira** e concluída em **consideração e justiça**, ter-se-á a síntese do texto, segundo a ótica predominante para o enunciador. O vetor (ou seta), então não-verbal, é o indicador material do movimento visual do leitor e das idéias fundamentais do texto em estudo.

Vejamos a diagramação original da crônica:

Terça-feira, 29 de outubro de 2002

OPINIÃO

VERÍSSIMO

As razões do clube

61.984

Parece mentira, né? Lula Presidente. Para quem, como eu, votou nele desde a primeira tentativa, é um pouco como dar adeus a um velho hábito. Já estávamos acostumados à decepção, a perder de quatro em quatro anos, só para concluir de novo que o Brasil não tinha jeito mesmo, que alguém como ele jamais seria eleito, que a maioria oprimida jamais teria vez, porque as elites, porque o capital internacional, porque os americanos... E não é que o homem ganha? Mas o cericismo entalhado custa a morrer. Depois dos festejos vem a desconfinção. O que deu errado desta vez? Ou, mais intrigante: o que deu certo?

A primeira tentação é de invocar o filósofo Marx, Groucho Marx, e

alerrar o Lula sobre o risco de entrar num clube que aceita sócios como ele assim tão facilmente. O segundo pensamento é mais especulativo, e otimista: e se o clube mudou? E se o Lula ganhou o apoio de gente que antes assistava não apenas porque a

barba preta ficou grisalha e o discurso abrandou, mas porque há algo está desmoronando, algo está chagando ao fim, e que é preciso colocar outra coisa pelo menos organizada no seu lugar, antes que a

para nativa antitudo tome conta? O anti-Lula desta vez não se criou porque o sistema desanimou cedo. O Serra foi um produto do desânimo do sistema.

Fala-se muito que o governo Lula terá pouco espaço de manobra para fazer o que pretende, com os compromissos que herdará. Mas o sistema internacional também está em crise, também há luta dentro do clube deles sobre o que é conveniente e o que é negociável para que o sistema sobreviva à sua própria irracionalidade, e talvez também haja interesse em facilitar a vida do novo sócio. No final, já declaram que não vai limpar os sapatos com o guardanapo, só quer mais **consideração e justiça.**

DARCÍLIA SIMÕES E VÂNIA DUTRA

Vale acrescentar que o texto jornalístico pode contar com o recurso não-verbal, que é um forte aliado na orientação ou desorientação do leitor. No texto em análise, a ilustração é ingrediente que vai aumentar a alta iconicidade do texto, uma vez que ali se vê uma enorme mão, por isso poderosa, que segura um pequeno indivíduo, representando o proletariado a cair num abismo. A mão salvadora se completa num braço vestido de dupla manga com uma abotoadura em forma de estrela. O índice (camisa e paletó) que ativa a idéia de homem de terno evoca ainda um indivíduo do proletariado recém-eleito presidente (Lula, o metalúrgico); e a estrela-abotoadura seria o emblema do partido vencedor (PT) que não figura mais apenas nos bonés dos operários, mas no punho de um executivo na mais alta investidura do país: a Presidência da República.

Em síntese, o projeto do texto analisado evidencia um enunciador que aplaude a vitória de Lula nas urnas e acredita na mudança dos rumos do país. As dúvidas que atravessam o texto servem apenas como contraponto reflexivo, que por sua vez serve como índice-ícone de um eleitor capaz de avaliar prós e contras num projeto de governo ou num sistema político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na esteira do raciocínio de Peirce, vimos desenvolvendo pesquisas sobre a iconicidade textual, observada de um ponto de vista em que *o texto é um objeto visualmente perceptível, que se faz fenômeno e toca a mente do observador*. Este, a seu turno, tenta localizar “âncoras textuais” (Simões, 1997) ou “pistas de decifração” (Ferrara, 1986)

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

no objeto-texto a partir das quais ele (o intérprete) será conduzido (ou alijado da) à mensagem básica. A função orientadora ou desorientadora (Nöth, 1995) realizada pelo signo na superfície textual estará, respectivamente, correlacionada com a eficácia ou a falácia textual pretendida pelo emissor. A seleção de unidades léxicas e diagramação sintagmática resulta em enunciados que acionam processos específicos de raciocínio. Estes darão origem (ou não) à compreensão do texto, na mesma medida que instrumentalizam o falante para a redação. Procura-se então ensinar o leitor a “pinçar” as palavras-chave dos textos e compor grupos temáticos que possam indicar as isotopias disponíveis para interpretação. Busca-se resgatar o projeto do texto, visando à identificação das intenções comunicativas do emissor. Quando captado um itinerário para a leitura, ver-se-á que unidades lexicais são ícones quando “desenham” o que exprimem e favorecem a dedução; são índices quando conduzem processo indutivo de interpretação; são símbolos quando permitem inserir-se o texto em áreas ou subáreas temáticas, construindo o mecanismo da síntese. Ícones, índices e símbolos aparecem combinados. Via de regra, os símbolos são marcas ideológicas inscritas no texto; identificadores do(s) sujeito(s) enunciator(es). A condução da leitura a partir da iconicidade apurável no texto é uma estratégia que visa a orientar a leitura e, com base na arquitetura textual, subsidiar a produção do texto escrito.

Ainda que a presente mostra seja bastante sucinta, em respeito à modalidade desta apresentação (uma comunicação em encontro acadêmico), cremos ter podido demonstrar o percurso de análise que vimos tentando elaborar desde 1988 e que, agora, começa a subsidiar algumas formulações teóricas tais como as que serviram

DARCÍLIA SIMÕES E VÂNIA DUTRA

de fechamento para este estudo. Pretende-se que tal formulação dê suporte ao ensino-aprendizagem da leitura e da produção escrita.

Supomos que, praticando a análise de textos jornalísticos (sobretudo os escritos por literatos) nos moldes aqui propostos, estaremos dando meios ao leitor de captar (ou capturar) o projeto do texto com que é informado sobre o que circula a sua volta pela mídia impressa. Tal procedimento nos parece uma firme estratégia para o atingimento de ideais sociais elevados em termos de democracia e participação, uma vez que dá condições ao indivíduo para atingir a tão necessária e indispensável autonomia intelectual. Encerramos assim nossas reflexões-ações com o seguinte trecho:

Para viabilizar uma “virada no jogo”, é preciso um municiamento ilustrativo-informativo bem amplo que nos proteja das idéias produzidas, difundidas e inculcadas por terceiros em nossa mente. (Simões In Henriques & Simões, 2002, p.20)

REFERÊNCIAS

CHIAVEGATTO, Valéria C. Um texto: uma rede de espaços mentais. In: VALENTE, André C. *Língua, Lingüística e Literatura: uma integração para ensino*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp.309-333, 1999.

_____. Gramática: uma perspectiva sociocognitiva. In: CHIAVEGATTO, Valéria C. (org.) *Pistas e Travessias II*. Rio de Janeiro: Eduerj, pp.131-212, 2002.

A ICONICIDADE, A LEITURA E O PROJETO DO TEXTO

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1987.

HENRIQUES, C.C. & SIMÕES, Darcília. *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

KOCH, Ingedore V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MARTINS, M^a Helena. (org.) *Questões de linguagem. Estratégias no ensino da linguagem*. São Paulo: Contexto, 1991.

MORRIS, C.W. *Writings on the general theory of signs*. The Hague: Mouton, 1946.

NÖTH, W. *Panorama da Semiótica*. São Paulo: Annablume, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.

SEBEEK, Thomas A. *The signs and its masters*. Austin: University of Texas Press, 1979.

SIMÕES, Darcília. *O livro-sem-legenda e a redação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. Edição acadêmica. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas (subárea: língua portuguesa).

SIMÕES, Darcília. Contribuições semióticas na brincadeira séria de ler. In: *Caderno Seminal 2*, Rio de Janeiro: Dialogarts, pp.5-14, 1995.

SIMÕES, Darcília. A construção fonossemiótica dos personagens de “Desenredo” de Guimarães Rosa. In: *Revista*

DARCÍLIA SIMÕES E VÂNIA DUTRA

Philologus, pp.67-81, set./dez. 1997 (distribuição em mar. 1998). Disponível em

<http://www.filologia.org.br/anais/anais_201.html>

SIMÕES, Darcília. As artimanhas do texto publicitário: leituras semióticas e signos da desconfiança. In: SIMÕES, Darcília (org.) *Semiótica & Semiologia* pp.49-55. Coleção Em Questão. Rio de Janeiro: Dialogarts, 1999.

Recebido: Julho de 2003

Aceito: Setembro de 2003

Endereço para correspondência:

Darcília Marindir Pinto Simões
Rua Eusébio de Queiroz, 5 fundos
darcilia@simo.es.com
24410-160 – São Gonçalo – RJ
Vania Lucia Rodrigues Dutra
vaniardutra@bol.com.br